

Pai, afasta de mim esse "cale-se"...

Reinaldo Fleuri

No artigo "Romper o silêncio", publicado na semana passada, fizemos algumas considerações a partir do quarto encontro do ciclo de estudos sobre educação popular, do dia 1º de setembro. Entre outras coisas, falamos de uma experiência que Paulo Freire nos contou. Trata-se de uma reunião de camponeses, da qual ele participou. Interessante foi o modo como a conversa levou o grupo a romper seu silêncio (o "cale-se" imposto pela opressão) e avançar na compreensão da realidade. Esse diálogo pode nos ajudar a refletir sobre a pedagogia da educação popular. Para isso, tentaremos escrever, de modo resumido, o que ouvimos de Paulo Freire.

Quando eu era muito jovem — começou Paulo Freire — fui participar de uma reunião de camponeses perto de Recife. Começamos a conversar, dialogando. De repente, o grupo ficou absolutamente calado, como se tivesse havido uma espécie de acordo. Também fiquei calado. O silêncio começou a ser "ouvido" e incomodar. Meu silêncio era fundamental para romper aquele silêncio, pois eu — o meu "saber" — era uma das causas do silêncio.

A um certo momento alguém começou a falar:

— Doutor, o senhor desculpa a gente, porque a gente estava falando. A gente não devia estar falando. Quem deve falar é o senhor! Porque o senhor é quem sabe.

Quando aquele camponês falava, ficava evidente o quanto ele exprimia o pensamento de todos.

— Tá certo — disse eu (Paulo Freire) — mas por que é que eu sei e vocês não sabem?

— O senhor sabe porque foi à escola. Nós não fomos.

— Por que é, então, que eu fui à escola e vocês não foram?

— O senhor foi à escola porque seu pai pôde e nosso pai não pôde nos dar estudo.

— E por que aconteceu assim?

— Seu pai tinha emprego e dinheiro. Nossos pais eram camponeses.

— E o que é ser camponês?

— É não ter o que comer, é não poder ir à escola... É ter que trabalhar duro!

— Mas por que o camponês trabalha duro e, mesmo assim, não tem condições de viver bem?

— Isso acontece porque Deus quer! Sempre foi assim!

— E quem é Deus, este Ser com tanto poder sobre a vida da gente?

— Ele é o nosso pai, que fez o mundo, que fez a gente!

— Pois bem. Quem, aqui, é pai de família? Quem tem muitos filhos, mais de cinco?

Um homem levantou a mão, dizendo que tinha seis filhos. Me dirigi a ele:

— Tu também és pai. E tens menos poder que o outro Pai, Deus. Com certeza, também és menos justo e mesmo bom do que Ele. Mesmo assim, tu que tens seis filhos, serias capaz de deixar cinco aqui na fome, no sofrimento, na doença e juntar todo o esforço destes cinco para mandar só um filho estudar em Recife, para se tornar um doutor e depois gozar a vida sozinho?

— Não. Porque quero bem a todos os seis, de forma igual!

— Pois é! Será, então, que Deus, um pai capaz de amar muito mais do que nós, daria toda a riqueza e conforto apenas para alguns, deixando a grande maioria do povo morrendo de fome?

— É claro que não!

— Então, quem é que faz o camponês viver na miséria?

Um novo silêncio tomou conta do grupo. Depois um murmúrio. Por fim, alguém exclama, como que exprimindo a idéia que passou pela cabeça de todos:

— É o patrão!

O grupo percebeu que não era Deus quem definia aquelas condições de vida do camponês. Era o patrão! E citavam fulano ou cicrano, capatazes do grande proprietário de terras da região.

Aquele grupo de camponeses tinha feito um grande salto de consciência. Mas, naquela ocasião, não tinha mais elementos para perceber todo o sistema econômico e político que está por trás do autoritarismo de fulano e cicrano. Perceber isso era necessário. Mas esta percepção só iria ganhando corpo e profundidade na medida que avançasse, pouco a pouco, o processo de conscientização e mobilização popular! E era preciso respear, estimulando, este processo...